

K-Pop vs. Funk: estilos musicais e feminilidades em jogo em um bairro popular na cidade de Campinas¹

Maria Fernanda Corrêa Frazão (FE-Unicamp e FAPESP/SP)

Resumo

Os estilos musicais e as diferentes noções de feminilidade se encontram em circulação nos espaços urbanos especialmente através das dinâmicas de relações entre os jovens. A escola aparece como uma das principais instituições onde os jovens experimentam a socialização entre pares e estabelecem afinidades e desafinidades de acordo com suas características e visão de mundo. A pesquisa de mestrado que sustenta este trabalho, através da abordagem qualitativa e etnográfica, tem como objetivo analisar os diferentes estilos de feminilidade entre garotas adolescentes em um bairro de classe popular da cidade de Campinas, São Paulo, e a relação que elas estabelecem com a escola. Busquei apreender o sistema de valorização de diferentes práticas e estilos dentre as meninas, identificando aqueles mais aceitos socialmente e buscando compreender o entrelaçamento desses aspectos na formação de grupos de amizade, na relação com os estudos e com o cotidiano escolar. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é identificar as características tidas como mais marcantes e a moralidade vigente no território, que orienta tanto a relação das meninas entre si quanto a relação que as mesmas estabelecem com a escola. A preferência por certos gêneros ou estilos musicais apareceu como um tópico de destaque na construção da identidade das meninas e também na formação de grupos de amizade distintos, com destaque para a diferenciação entre o pop internacional (especialmente o k-pop) e o funk. Nesse contexto, a preferência por um desses estilos mostrou se relacionar intrinsecamente a outras características marcantes na distinção de diferentes grupos de amizade e estilos de feminilidade.

Palavras-chave: feminilidade; estilos musicais; relação escolar

1. Introdução

As diferenças de características estéticas, sonoras e sociais entre estilos musicais distintos e seus respectivos ouvintes tem sido muito discutidas por autores como Campos (2007), que referencia a teoria de Pierre Bourdieu e relembra que as configurações sociais

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

que são bem estabelecidas na sociedade passam a ser vistas como naturais. Em relação às questões relacionadas à música e aos gostos musicais, é importante ter em mente que os padrões musicais considerados aceitos variam de cultura para cultura e são assimilados de forma a parecerem “naturais”. Entretanto, só é possível compartilhar sentidos e significados através da música quando existe uma comunidade de pessoas que em dado momento foram socializadas para partilharem e se inserirem nesses quadros de referências. É importante destacar, entretanto, que essas estruturas e referências são dinâmicas e mudam ao longo do tempo em resposta às mudanças na vida do indivíduo e às transformações sociais.

Desse modo, a seguir pretendo discutir acerca de alguns aspectos referentes à preferência por dois gêneros musicais distintos, buscando refletir principalmente acerca do entrelaçamento entre gênero feminino, classe social e trajetórias escolares. Assim, pretende-se compreender quais códigos culturais são compartilhados por diferentes grupos de garotas entre 12 e 17 anos, residentes em um bairro popular e estudantes da rede pública de Campinas.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizada a escolha da abordagem qualitativa com base na etnografia para produção e análise dos dados. A pesquisa de campo ocorreu em duas etapas. A primeira etapa ocorreu em 2021, quando as escolas estavam fechadas em razão da pandemia de COVID-19. Como alternativa, convidei um grupo de alunas da faixa etária de interesse desta pesquisa e que frequentavam minhas aulas de balé em um projeto social no bairro para participar de um outro espaço de encontro. Apresentei a pesquisa às meninas e às suas mães e, de um grupo de 8 meninas, 7 delas, com idades entre 12 e 17 anos², aceitaram participar. Visitei a casa de 6 participantes e realizei uma pequena entrevista com as mães. Além da visita domiciliar, os encontros com as participantes tiveram duração de uma hora e trinta minutos e foram realizados duas vezes por semana em um espaço público no bairro, entre setembro e dezembro de 2021. Os encontros eram compostos por uma parte inicial, na qual todas dançávamos uma coreografia elaborada por mim, mas com músicas escolhidas pelas meninas que integravam o grupo. Em seguida, realizávamos outra atividade com objetivo abrir espaço para conversas livres a respeito do bairro, da escola, de suas vidas e de seu cotidiano de forma geral.

² Apenas uma participante tem 17 anos, as demais têm entre 12 e 14 anos.

A escolha da modalidade de encontros mediados pela dança com esse grupo deu-se em razão de alguns fatores. Em primeiro lugar, foi através das aulas de dança que nosso vínculo foi estabelecido e desenvolvido. Dessa maneira, os encontros possibilitaram que a dança, as conversas sobre músicas e gostos musicais e a arte de modo geral fossem os meios pelos quais nossas trocas acontecessem e o vínculo entre todas nós fosse fortalecido. Esses encontros mostraram-se importantes também para perceber o vínculo construído entre as próprias participantes. De maneira geral, as atividades criativas permitem que a interação entre pesquisador e participantes possa ocorrer de maneira mais sutil e lúdica, trazendo conforto e tornando esse momento interessante não só para o pesquisador. No entanto, como alerta Toren (2007), é preciso tomar cuidado para que qualquer atividade proposta pelo pesquisador esteja sempre subordinada à lógica do desenvolvimento da etnografia e à serviço do fortalecimento de vínculos entre o/a pesquisador/a e seus interlocutores. Nessa perspectiva, as atividades são um meio para atingir o objetivo central e constante do fortalecimento da relação de confiança.

Na segunda etapa da pesquisa empírica, acompanhei um grupo de meninas em uma escola municipal do bairro. Entre agosto e dezembro de 2022 acompanhei duas vezes por semana as aulas de três professores em três turmas do Ensino Fundamental II: 7º ano A, 7º ano B e 8º ano A. Nas três turmas havia no total 39 meninas, e além de realizar a observação participante, realizei entrevistas com 33 delas. Como meu objetivo também era entender as dinâmicas de amizade, de julgamento e de constituição de grupos, durante as entrevistas segui o agrupamento proposto pelas próprias garotas, optando por deixá-las escolher conforme se sentissem mais confortáveis. Desse modo, as entrevistas foram individuais, em dupla ou em grupo de até cinco meninas, grupos estes que eram essencialmente os mesmos que eu observei serem os seus grupos de amizade na escola. E, de fato, a diversidade de alunas na escola me permitiu entender melhor as dinâmicas e o repertórios de estilos de feminilidade presentes no território.

3. A escolha dos dois gêneros musicais

A definição dos termos “gênero musical” e “estilo musical” não existe de modo consensual e preciso, sendo esses termos compreendidos e definidos de forma diferente por alguns autores (Janotti Jr., de Sá, 2019; Sève, 2016; de Souza, 2016). Uma das possibilidades de entendimento do conceito “gênero musical” é a de que ele pode funcionar como um sistema de classificações que ajudam a identificar similaridades em peças musicais (Santos, 2016). Aqui neste trabalho utilizo o termo “gênero musical” no intuito de identificar de modo

preciso os tipos de música que foram apontados como os favoritos de minhas interlocutoras, entendendo que o funk, o k-pop, o pagode, o sertanejo e os demais gêneros musicais possuem similaridades identificadas pelo público ouvinte que não necessariamente seguem os mesmos padrões de definição dos teóricos musicais. O termo “estilo musical” utilizado aqui neste trabalho retoma o sentido empregado por Bourdieu (2003, 2007, 2009), que emprega o termo “estilo” de forma articulada às noções de "habitus" e "práticas". Nesse sentido, não utilizo “estilo musical” de modo associado às discussões teóricas da musicologia, mas sim como referência a um fenômeno que extrapola o ato de ouvir determinada música (ou gênero musical) e se articula aos modos que a música impacta outras práticas dos indivíduos.

O pop internacional e o funk foram os gêneros musicais mais apontados nas entrevistas como os preferidos pelas garotas. Como o pop internacional é uma vertente muito ampla, aqui neste trabalho foi escolhido discutir especificamente sobre o pop sul-coreano (ou k-pop). Foi perceptível que, na maioria dos casos, os grupos de meninas não apontavam os dois gêneros como os preferidos, mas sim um *ou* outro. Muitas das meninas que apontaram a preferência pelo pop internacional afirmaram, inclusive, não gostar do funk por associarem a um estilo musical com muitos palavrões e agressividade. Desse modo - e articulada a outros fatores analisados na pesquisa - a questão da preferência por certos gêneros musicais pareceu estar associada à uma distinção entre pelo menos dois estilos de feminilidade.

4. Resultados

Localizado na região norte da cidade de Campinas, o bairro é situado entre duas rodovias e está rodeado por grandes espaços não urbanizados e não ocupados, o que produz uma situação de certo isolamento geográfico. Segundo o Relatório de Informações Sociais do Município de Campinas (2015), o bairro é um dos quatro com a população mais vulnerável da região: a renda familiar dos habitantes é predominante média-baixa e baixa, a região possui habitações de baixa renda e também conta com pontos comerciais e industriais. O bairro apresenta um dos menores índices de envelhecimento e um dos maiores índices de mortalidade e de gestantes adolescentes.

Há também diversas igrejas evangélicas de diferentes denominações e uma paróquia, além de entidades que prestam assistência à população. Dentre essas entidades, há as ONGs que realizam atividades com as crianças no contraturno escolar, oferecendo refeição, aulas de reforço e cursos como teatro, costura, mecânica e dança, dentre as quais a ONG onde atuei como professora de balé. Dentro do bairro, a região mais próxima da rodovia é mais urbanizada, tem casas com acabamento em lotes regulares, pequenos estabelecimentos de

comércio, ONGs, posto de saúde, igrejas e escolas da rede pública. A região mais afastada da rodovia, nas fronteiras do bairro com a área não urbanizada, é composta por casas sobrepostas, vielas, habitações não acabadas e infraestrutura urbana insuficiente, por exemplo, esgoto a céu aberto. A periferia do bairro também é marcada por uma forte atuação do tráfico de drogas, e as participantes da pesquisa que residem nessa região relatam ser frequente episódios de tiroteio e morte. Desse modo, apesar de pequeno, o bairro possui dinâmicas bastante diferentes a depender da região, sendo a região central considerada mais segura e a região periférica sendo perigosa e precária.

Na primeira etapa da pesquisa de campo, realizada com as estudantes de balé, todas as 7 meninas indicaram o pop internacional como o gênero musical favorito. Na segunda etapa da pesquisa de campo, realizada na escola, as meninas que afirmaram sua preferência por música pop internacional totalizaram 9, e as que afirmaram gostar mais de funk totalizaram 16. Outras 9 apontaram algum outro gênero musical como o favorito. As músicas de louvor, o forró, o pagode, o sertanejo, o rock e a vaquejada foram os outros gêneros musicais citados. Em relação a cor da pele, de um total de 16 meninas que apontaram o funk como o gênero preferido, a maioria (7 delas) se identificou como preta ou parda, apenas 2 se identificaram como brancas e 6 não responderam. Aquelas que preferiram o pop internacional se identificaram da seguinte forma: 5 como brancas, 4 como pretas ou pardas e 5 não responderam.

Em relação à religião, houve uma grande quantidade de meninas que gostam de funk e que afirmaram frequentar ou já ter frequentado alguma igreja evangélica ou católica: 7 delas disseram frequentar e 6 disseram já ter frequentado. Apenas 3 disseram nunca ter frequentado e 2 não responderam. Dentre aquelas que preferem o pop internacional ou o k-pop, 4 afirmaram frequentar alguma igreja, 8 disseram já ter frequentado e 4 não responderam. Cabe destacar aqui que, mesmo dentre aquelas que frequentam regularmente e aquelas que já frequentaram, muitas meninas afirmaram ir por serem obrigadas pela família ("Só vou quando a minha tia fala que vai me bater, pra eu ir junto com ela", é um exemplo de fala nesse sentido). Ao mesmo tempo, a prática religiosa em alguns casos pareceu ser entendida como contrária à identificação com o funk. Um exemplo disso é que ao responder qual era seu gênero musical favorito, uma das meninas disse: "Gospel, mas se eu não fosse crente...", levando a crer que ela concordaria com as suas amigas, que haviam indicado o funk como o estilo preferido delas. Assim, não foi possível identificar uma relação direta com a religião e os gostos musicais, ao mesmo tempo em que pareceu que o funk pode ser considerado como negativo especialmente para algumas meninas que seguem a religião evangélica. No entanto,

essa questão precisaria ser analisada em uma outra pesquisa que pudesse entender detalhadamente a relação da religião com os gostos musicais e os estilos de feminilidade.

4.1 Preferência pelo K-Pop

Ao longo das duas etapas de pesquisa de campo, muitos foram os momentos em que a música e os gostos musicais foram assunto ou tiveram momentos de destaque em algumas ações. Na primeira etapa da pesquisa de campo, conforme mencionado anteriormente, os encontros com o grupo focal foram realizados através de encontros mediados pela dança. Em um primeiro momento, as meninas escolhiam uma música da qual gostavam para eu coreografar um alongamento para fazermos juntas. Depois conversávamos sobre a escolha da música e o gosto musical de cada uma delas. Das 7 participantes desta primeira etapa da pesquisa de campo, todas escolheram uma música pop internacional. Dentre os diferentes estilos de música pop, o k-pop se destacou. Duas das meninas eram fãs de bandas de k-pop e frequentemente dançavam trechos de coreografias também durante as aulas de balé, o que gerava conversas e comentários entre elas e as demais.

O k-pop é oriundo da Coreia do Sul e surgiu nas últimas décadas como um forte fenômeno musical. Esse movimento é parte da “Hallyu”, ou “Onda Coreana”, que se refere à disseminação da cultura sul-coreana pelo mundo. Superando diferenças geográficas, culturais e linguísticas, o fenômeno conseguiu tornar os seus produtos culturais conhecidos não apenas por grupos específicos, mas também pelo grande público que não necessariamente consome seus produtos e se espalhou da Ásia para diversas outras regiões do globo (Ko et al, 2014; Regatieri, 2017; Jung, Shim, 2014).

Ko et al (2014) identificaram que a maioria dos indivíduos interessados em Hallyu no Brasil eram de ascendência não-asiática, o que levou os pesquisadores a se questionarem que, sem a proximidade cultural e racial como característica central, como explicar o fenômeno Hallyu nos dois países? Para os autores, a resposta reside nos níveis socioeconômico e de escolaridade dos indivíduos: a maioria do público era caracterizado por um elevado nível de escolaridade, porém se encontrava em um baixo patamar econômico. A partir de seus dados, os autores consideram que a Hallyu, através da televisão e da internet, proporcionou uma forma de os indivíduos escaparem da realidade social em que se encontravam e desenvolverem suas perspectivas tendo como referência o contexto geográfico, econômico e cultural sul-coreano retratado através do k-pop e dos demais produtos culturais.

Esses dados estão de acordo com os de Regatieri (2017), que realizou uma pesquisa qualitativa com fãs de k-pop no Brasil. O pesquisador argumenta que o gosto deve sempre ser

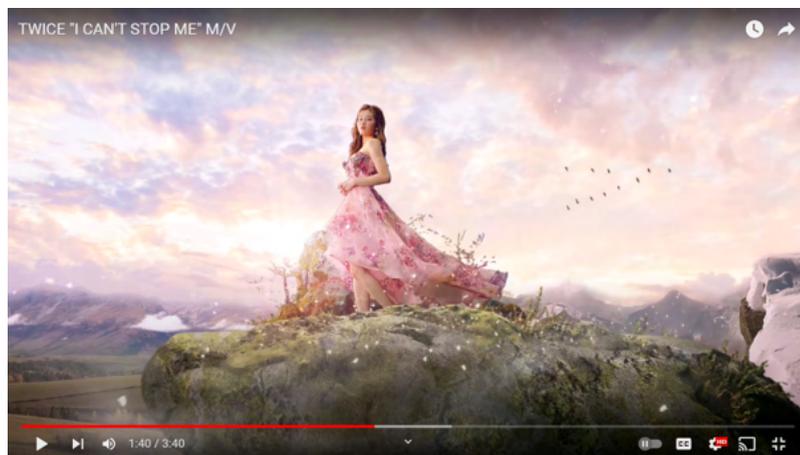
considerado em termos de posições de classe e, em sua análise, identificou que a maioria dos fãs que participaram de sua pesquisa eram de classe média baixa ou baixa. O pesquisador argumenta que eles provêm de uma parte da população que sentiu fortemente os impactos da mobilidade social ascendente que ocorreu no Brasil nas últimas décadas, já que ao mesmo tempo em que o k-pop chegava ao Brasil o país passava por uma série de transformações políticas e econômicas que conseguiram progredir no combate à pobreza, no aumento da renda das classes mais baixas, na mobilidade social e na expansão do ensino público e gratuito. O pesquisador também identificou que a maioria dos participantes estava seguindo uma trajetória escolar ou universitária, a depender da idade dos participantes.

Outra característica destacada pelas pesquisas é a de que o público feminino representa a maior parcela de fãs. Nas pesquisas de Regatieri (2017) e Ko et al (2014) o percentual feminino totalizou 93,9% e 77,4%, respectivamente. A reflexão de Regatieri (2017) é a de que o fenômeno do k-pop no Brasil deve ser entendido como atrelado às questões de classe e gênero, que mobilizam ideais de sociedade e estilo de vida, argumentando que os homens e as mulheres utilizam determinadas práticas culturais para construir suas identidades masculinas e femininas, enfatizando sua característica performativa. Desse modo, para o autor, as meninas utilizam do mercado de consumo para construir suas próprias identidades, para se expressarem dentro de um grupo e, também, para se definirem separadamente dos pais. Ko et al (2014), por sua vez, analisam a predominância feminina a partir do afastamento da noção de masculinidade dos homens latinos em relação à masculinidade representada nos produtos culturais sul-coreanos. Os autores apostam que a explicação está relacionada à masculinidade e à imagem do homem na sociedade latino-americana, que é muito associada à uma masculinidade mais agressiva e brutal, enquanto o homem sul-coreano retratado em dramas e bandas coreanos é frequentemente associado à doçura e ternura.

A estética visual desse estilo costuma ser suave e elegante, com clipes musicais de alta produção, com várias cores e imagens que criam uma imersão visual. As roupas vestidas costumam ser formais e elegantes, como vestidos de gala, porém frequentemente possuem um “toque de sensualidade”, como o uso de saias curtas. Os grupos de k-pop também produzem coreografias que são reproduzidas em seus shows e clipes musicais. Assim, os clipes são onde as coreografias criadas podem ser vistas e, depois, aprendidas pelos fãs. Com a grande popularidade dessa prática, a existência de grupos *covers* de k-pop é grande e segue uma tendência de crescimento em cidades como São Paulo (Ko et al, 2014).

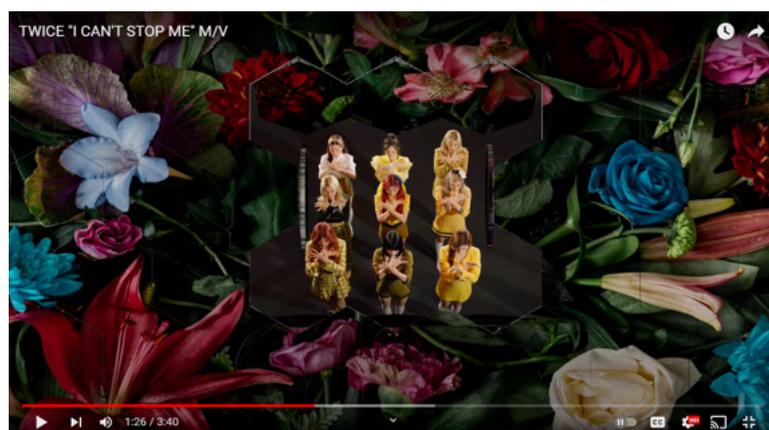
O grupo preferido das duas estudantes de balé e fãs de k-pop é o Twice, uma *girl band* formada por 9 garotas. Podemos ver algumas imagens extraídas do clipe oficial da música “*I can’t stop me*”, escolhida por uma das garotas para os encontros mediados pela dança e que era sempre cantada e dançada por elas em algum momento do encontro com o grupo focal ou até mesmo durante as aulas de balé. Abaixo, na Figura 4 é possível ver que a estética mostra uma mulher delicada e elegante, com vestido de gala em tom rosa delicado e em um ambiente de mesmo tom, remetendo a uma estética de “conto de fadas”. Na Figura 5 é possível ver uma maior quantidade de estímulos através de cores mais vibrantes, mas com as flores (símbolo de uma feminilidade delicada) tendo grande destaque:

Figura 4 - Imagem do clipe “*I can’t stop me*” - Trecho: 1:40



Fonte: Entertainment (2020)

Figura 5 - Imagem do clipe “*I can’t stop me*” - Trecho: 1:26



Fonte: Entertainment (2020)

Nas Figuras 6 e 7, abaixo, vê-se uma mudança estética que apresenta as integrantes com saias curtas, mas com uma vestimenta sóbria, próxima aos uniformes escolares sul-coreanos retratados nos doramas (séries coreanas):

Figura 6 - Imagem do clipe “*I can’t stop me*” - Trecho: 0:49



Fonte: Entertainment (2020)

Figura 7 - Imagem do clipe “*I can’t stop me*” - Trecho: 1:02



Fonte: Entertainment (2020)

Desse modo, os clipes de k-pop costumam proporcionar uma espécie de imersão estética, retratando diferentes contextos, figurinos e enredos, mas destacando a elegância e o romantismo. Soares e Silva (2022) analisam que as práticas de *cover* são umas das principais dimensões performáticas no k-pop, generificando os corpos a partir de movimentos e gestos.

Ko et al (2014) e Regatieri (2017) sugerem que a identificação dos jovens de estratos sociais baixos com o k-pop está relacionada a uma expectativa de ascensão social e as produções audiovisuais do k-pop seriam uma forma de retratar as referências que esses jovens almejam alcançar. Acrescento que não é apenas o desejo de ascender socialmente que

faz esses jovens, especialmente do gênero feminino, se identificarem com o k-pop. No contexto desta pesquisa de mestrado, foi possível identificar que foi o desejo de ascensão social através do mesmo quadro de referências retratadas nas obras audiovisuais do k-pop que pode explicar a identificação dessas jovens com esse gênero musical. A elegância, a delicadeza, o luxo e um modo de sensualização mais comedido parecem ser referências compartilhadas. Além disso, dentre as 16 participantes que indicaram o pop internacional ou o k-pop como o gênero musical favorito, 11 delas residem na área central do bairro (mais segura e com mais infraestrutura), 3 residem no “interior” (área intermediária, que não nem é a área central mais valorizada nem é a área periférica mais precária), 2 residem em outro bairro ou região e nenhuma reside na área periférica, considerada a mais perigosa e com pior infraestrutura. Desse modo, parece ser possível considerar que apesar de serem camadas populares, há diferentes frações que obtêm acessos diferentes a certas regiões do bairro, que por sua vez proporcionam vivências diferentes, apesar de todas residirem no mesmo bairro. Nessa área mais central, as referências do pop parecem estar mais próximas às experiências e expectativas das meninas dessa região.

Outro fator importante para pensar a generificação através das músicas é a letra das canções. A música “*I can't stop me*”, uma das preferidas das duas estudantes de balé, parece retratar o esforço em resistir a uma paixão, como é possível ver na tradução abaixo:

“O alarme toca, trim-trim
Quando nossos olhares se encontram
Eu percebo, mas apenas me viro
Chegando mais e mais perto, eu sei que é tarde demais

Em meu coração, eu sei
Em algum momento, vou passar do limite
Estou me avisando: Você não devia fazer isso
Todo minuto, todo segundo, meu coração toma as rédeas da situação
Fora de controle

Estou rodeada por esse holofote
Quanto mais ele me ilumina, sou absorvida pela escuridão
Eu vejo o final, mas eu sei que não é certo
Não consigo me parar, me parar (whoa, whoa)
[...]”³

Além de o esforço para resistir a uma paixão ser um enredo popular em diversas produções sonoras e audiovisuais dos mais diversos estilos, o tema se mostra recorrente na vida dos ídolos de k-pop, sendo inclusive uma das principais fontes de polêmica envolvendo

³ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/twice-k-pop/i-cant-stop-me/traducao.html>. Acesso em: 24 maio 2024.

os ídolos, sendo noticiados em diversos sites de notícias. Sem entrar no mérito da veracidade ou não de algumas notícias divulgadas, o fato é que as polêmicas em relação à vida amorosa dos astros do k-pop são um dos tópicos mais divulgados pelos tabloides e discutidos pelos fãs. Os ídolos do k-pop são cobrados por manterem uma imagem de “bons jovens”, sem se envolverem com bebidas alcoólicas, drogas ou sexo.

Essa imagem é alinhada ao tipo de discurso que se mostrou muito disseminado durante as duas etapas da pesquisa de campo desta pesquisa. O discurso de uma sexualidade que precisava ser adiada se assemelha, apesar de serem contextos bem diferentes, ao discurso em que o “mundo do k-pop” parece mergulhar: os relacionamentos amorosos devem ser evitados pois representam uma ameaça a uma trajetória futura almejável e respeitável. Uma grande parte das meninas afirmou não querer se envolver em relacionamentos amorosos utilizando como justificativa o foco nos estudos. Diante dos dados obtidos na pesquisa, a interrupção dos estudos parece ser algo muito temido pelas famílias e, em certa medida, é incorporado pelas garotas. Nesse sentido, o envolvimento em algum tipo de relacionamento amoroso parece um risco relacionado a uma gravidez indesejada, uma moralidade negativa e a impossibilidade de seguir uma trajetória pessoal desejável. A maior parte das meninas que tiveram esse discurso foram as que indicaram o k-pop ou o pop internacional como seu gênero musical predileto. Desse modo, podemos ver que há uma identificação com o estilo musical que reflete um compartilhamento de valores e ideais de vida em comum.

4.2 Preferência pelo Funk

O funk brasileiro surgiu como um expoente musical que incorporou aspectos contraculturais do movimento negro e do hip hop internacionais, fundindo-os com componentes sociais e culturais das favelas cariocas (Sneed, 2007). A associação das periferias com o crime organizado faz com que, conseqüentemente, o funk seja associado à criminalidade. Trotta (2016) analisa principalmente o fenômeno do “rolezinho”, que foram passeios organizados em grandes grupos, em sua maioria compostos de jovens negros das periferias, que combinavam de se encontrar em shoppings centers, despertando medo e gerando uma grande cobertura midiática entre os anos de 2013 e 2014. Trotta (2016) destaca o quanto esse fenômeno revelou a tensão entre pobreza e consumo, já que os shoppings centers são um dos principais símbolos de consumo na sociedade capitalista, sendo, assim, espaços que estabelecem e evidenciam estratégias de distinção e segregação social.

O funk expandiu não só suas fronteiras geográficas mas também, em partes, suas fronteiras sociais, tornando-se um estilo muito popular em festas, shows e eventos públicos e

privados de quase todas as classes sociais. Apesar de esse gênero musical ter alcançado grande popularidade nacional e internacional, é importante reconhecer que suas fronteiras ainda existem e se manifestam principalmente através do preconceito direcionado às periferias, que são o espaço-símbolo do funk. Por isso, é importante considerar que:

Acionar o funk (como música, ideia, vocábulo ou estética) significa discutir diferenças de gosto e de estratos sociais, atravessadas por preconceitos e estereótipos que cercam o imaginário nacional sobre desigualdade. Ao mesmo tempo, o funk também evoca um forte componente de pertencimento étario e social, produzindo gostos compartilhados e espaço físico e imaginário para atividades de lazer de jovens de classes baixas. (Trotta, 2016, p. 91)

Desse modo, pode-se considerar que o funk é um dos principais expoentes musicais do Brasil, atingindo ao mesmo tempo uma grande popularidade e uma grande rejeição por certas parcelas da sociedade. O funk, nesse sentido, evidencia a grande tensão entre diferentes estratos e classes sociais. A associação do funk à periferia, ao crime e à violência faz com que esse gênero musical seja marginalizado e que o estigma dos moradores de periferias como sendo criminosos seja reforçado.

As meninas que indicaram o funk como seu gênero musical preferido, na maioria das vezes afirmavam que DJ Arana era seu cantor favorito. Ao perguntar a música preferida delas, elas diziam “várias” ou “todas”, de forma que não fosse possível saber com exatidão quais músicas elas costumavam ouvir. Realizando uma busca no Spotify, um dos principais *streamings* de música, a música “É só um lance lero lero” aparece como a mais ouvida do artista. Como nem todas as músicas são lançadas em formato de clipe (inclusive esta mencionada), mostrarei a seguir algumas imagens do clipe da música “Abcdário da guerra”, de DJ Arana e MC Lan. O clipe retrata os cantores como líderes de uma tropa de combate, composta exclusivamente por mulheres vestidas de maneira mais desnuda e que fazem continência aos cantores em alguns trechos do vídeo, como mostram as Figuras 8 e 9 abaixo:

Figura 8 - Imagem do clipe “Abcdário da guerra” - Trecho: 3:49



Fonte: Arana (2023)

Figura 9 - Imagem do clipe “Abcdário da guerra” - Trecho: 3:08



Fonte: Arana (2023)

No clipe também há referência às favelas e ao uso de armas por parte dos cantores, como é possível ver nas Figuras 10 e 11 abaixo:

Figura 10 - Imagem do clipe “Abcdário da guerra” - Trecho: 4:57



Fonte: Arana (2023)

Figura 11 - Imagem do clipe “Abcdário da guerra” - Trecho: 0:43



Fonte: Arana (2023)

Como a periferia e os bailes funks são marcados por conflitos envolvendo facções de drogas rivais e também confrontos com policiais, é frequente que as letras e os cliques abordem armas de fogo como um símbolo de poder, seja na forma de gestos com as mãos, seja com a exibição explícita de uma arma, como é o caso do clipe acima. A arma como um símbolo de poder, mais do que como um símbolo de violência, apareceu de maneira bastante enfática também em uma das entrevistas realizadas na segunda etapa da pesquisa de campo. Ao entrevistar um trio de amigas do 8º ano A, uma das garotas falou sobre a proximidade de sua família com as armas e o tráfico de drogas:

Daniele⁴: Os meus primo, eles são bem da baguncinha, né? O que tá preso, quando ele sai de saidinha... Meu deus! Ele fecha, assim, a rua, sabe? Aí coloca som alto em cima do carro e dança. Nossa, é muito bom! Fora as partes das arma, né? Que...
Daniela: É mó daora!
Daniele: É que eles... sabe? Mexe com coisa errada. Trafica, e tal...
Pesquisadora: Sei.
Daniele: Mas eles... Tipo assim, eles é legal.

A aproximação com pessoas armadas parece não causar medo, já que apesar de “mexerem com coisa errada”, os primos de Daniele são vistos como pessoas “legais” e que promovem uma movimentação interessante na rua, com música e dança. A conversa ainda seguiu com mais comentários sobre a presença das armas no que é conhecido como “fluxo” (festas realizadas em espaços públicos, como ruas e praças, e que geralmente concentram uma grande quantidade de pessoas consumindo bebidas alcoólicas e drogas):

⁴ Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade das participantes.

Daniele: [Meus primos] Ficam andando com arma assim [imitando arma com as mãos], aí quando dá meia noite, é... Sabe, do Natal? Eles ficam dando tiro pro alto! Bando de doido véio. Mas eles é suave, sabe? Se cê não mexer com eles, não mexer com ninguém da família deles, tá tudo bem. Aí... no nosso bairro tem uma pracinha. Que a gente chama “praça do fluxo”. Então, lá tem festa, sabe? Onde o povo fica. É arma, é droga... Corre perigo de morrer alguém? Corre! Porque o filho de um amigo do meu pai já morreu lá.

A ideia de que os primos de Daniele são “suaves”, apesar de exibirem as armas nas ruas e espaços públicos do bairro, traz a ideia de que a arma aqui não é um símbolo necessariamente negativo, não sendo entendida como um símbolo de violência generalizada e absoluta, e sim uma violência justificada caso alguém venha a “mexer” com eles e seus familiares. Esse discurso traz a ideia de que a arma é um instrumento de proteção e segurança, o que os afasta da ideia de criminosos e associa o uso de armas como algo legítimo. Nesse sentido, o poder trazido pela imagem da arma desperta interesse e curiosidade, conforme é possível ver no prosseguimento da entrevista:

Pesquisadora: Mas a Daniela tinha falado que achava legal. Você acha legal qual parte?

Daniela: Das armas!

Daniele: A Daniela, a Daniela... ama o meu primo, dona! Vou falar mesmo... [elas riem]

[...]

Pesquisadora: E o que você gosta das armas?

Daniela: É a emoção.

Daniele: É a emoção. Eu também gosto.

Pesquisadora: Você já chegou a pegar em alguma?

Daniela: Não, dona [rindo constrangida].

Daniele: Ai, eu já!

Pesquisadora: Você já?

Daniele: Lá na casa da minha tia, né, que é do lado de casa. Lá tem a casa do filho dela, que é um sobradinho, assim, em cima. Aí, tem... na sala tem a TV e tal, aí ele fez meio que um cofre... que fica atrás de um quadro... bem bonito o quadro. Aí fica lá, as arma... Aí teve uma vez que eu peguei. Final do ano também eu já peguei... Sabe? Mas eu não atiro, não, credo! Tá repreendido... Um tiro que eu dou eu caio pra trás, dura.

A partir desse trecho é possível ver que não só a arma desperta interesse por ser um símbolo de poder, levando a uma aproximação grande das meninas com o uso das armas, mas os homens que as ostentam podem despertar interesse em algumas mulheres e meninas, como é o caso de Daniela, que “ama” o primo de Daniele principalmente em razão da associação entre masculinidade, armas e poder.

Cabe destacar, também, que esse trio de meninas reside na região do bairro em que as outras estudantes que também residem nessa região relataram ouvir troca de tiros com frequência. Desse modo, a proximidade com as armas, a violência e o poder disputado entre

diferentes grupos rivais mostra que o conflito armado de fato é uma realidade bastante presente no cotidiano dessas meninas. Diferentemente das garotas que residem na região central do bairro, que não convivem com a violência de maneira tão acentuada, as meninas que moram nessa região vivem uma realidade bastante diferente, apesar da distância geográfica entre as suas residências e as daquelas que moram na região central não ser muito grande. Dentre as 16 meninas que indicaram o funk como o gênero musical favorito, 10 residem nessa região periférica⁵ e apenas uma reside na área central do bairro.

É importante ressaltar que da mesma maneira que o funk não se resume às músicas com teor machista, ele não se restringe ao contexto da violência e da apologia às armas e às drogas. O funk se tornou um gênero musical bastante amplo, que aborda diversos temas e diversas esferas da realidade das favelas, sendo também uma forma de retratar a discriminação, a violência policial e outros temas que fazem do funk um estilo que também funciona como símbolo de resistência (Trotta, 2016). No entanto, trago as referências de músicas e clipes de cantores que abordam as armas e a violência pois são essas as referências que minhas interlocutoras afirmaram consumir durante a realização da pesquisa.

A maneira de se relacionar também costuma ser destaque dessas músicas. Diferentemente das músicas preferidas no estilo do k-pop, que falam dos relacionamentos amorosos sob uma perspectiva romântica, as músicas do DJ Arana falam dos relacionamentos através da ótica da “curtição” e da “pegação”, como é possível ver no trecho da música “É só um lance lero lero”:

[...]
Ela acha que nós dois namora
Porque nós fica direto
Vou ter que passar a visão
Que ela é só meu pente certo

É só um lance
Sem romance, um vapo e lero lero
É só um lance (é só vapo, vapo)
Sem romance, um vapo e lero lero
[...]⁶

Desse modo, podemos ver que a aproximação e a preferência por um estilo musical em detrimento de outro reflete tanto o contexto social que as meninas vivem quanto às

⁵ Outras 6 meninas dessa região escolheram outros gêneros musicais como o favorito. Dentre eles, algumas citaram a música gospel. Como aqui neste trabalho me proponho a discutir sobre o funk, não irei discutir as outras preferências musicais. No entanto, acho importante inserir esse dado para destacar que a preferência pelo funk por parte das meninas da periferia do bairro não é unânime.

⁶ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dj-arana/e-so-um-lance-lero-lero/>. Acesso em: 24 maio 2024.

referências que as mesmas possuem em relação à relacionamentos amorosos e perspectivas mais globais em relação às suas vivências.

5. Aproximações e distanciamentos entre o K-Pop e o Funk

Os dois gêneros e estilos musicais discutidos neste capítulo apresentam uma série de similaridades e diferenças entre si. Algumas das principais diferenças são mais evidentes e já foram abordadas nos tópicos acima. Entretanto, há muitas aproximações possíveis entre os dois estilos. Uma dessas aproximações reside no fato de ambos os estilos musicais marcarem também os estilos de se vestir, de falar e de se portar. Cada um à sua maneira, os dois estilos condensam os modos que os indivíduos se apresentam e se relacionam com o mundo em que vivem. No caso do k-pop, sua estética prioriza o uso de roupas elegantes, formais e delicadas, como é possível ver nas imagens extraídas de um clipe musical (ver Figuras de 4 a 7). A estética do funk, por outro lado, apesar de em alguns casos trazer a ideia de “ostentação”, prioriza um visual mais associado às classes populares e periféricas, como roupas largas e tênis esportivo. Por na escola e nas aulas de balé as alunas precisarem utilizar uniformes, não foi possível ver de modo aprofundado como cada grupo de meninas se produz no cotidiano. Ainda assim, as diferenças no uso de certas peças de roupa (especialmente as calças e os calçados) e também o modo de se maquiarem já evidenciou um jeito bastante marcante de se diferenciarem através das vestimentas e da produção do corpo.

A linguagem também mostra que os grupos desenvolvem vocabulários próprios, que não são facilmente entendidos pelos demais. O funk utiliza de várias gírias e faz associação a diferentes marcas e objetos que são usados pelos cantores mas que são poucos conhecidos por outros setores da sociedade. Já o k-pop traz um vocabulário que mistura expressões coreanas e expressões de língua inglesa que são aprendidas pelos fãs mas não são compreendidas pelo restante das pessoas. Em relação ao modo de falar do funk, as letras de música usualmente utilizam o verbo com conjugação no singular, independentemente da quantidade de pessoas a que se refere. Outro modo bastante característico é o uso do modo de falar “nóis”, enfatizando bastante a vogal “i” na pronúncia. É possível ver esse modo de falar tanto na letra de DJ Arana (“Ela acha que nós dois namora/ Porque nós fica direto”) e em trechos da entrevista com algumas meninas (“A gente não gosta delas e elas não gosta de nós”).

A forma com que os relacionamentos amorosos são encarados pelos dois grupos também possui similaridades e diferenças. Ambos os grupos tendem a trazer uma ideia de evitamento dos relacionamentos de vínculos amorosos. No caso do funk, há uma distinção entre um relacionamento sexual e um relacionamento amoroso. O primeiro não só é

encorajado mas é retratado como um motivo de orgulho, com vários cantores vangloriando o fato de existirem muitas mulheres interessadas por eles e, por isso, se envolverem sexualmente com várias delas sem a relação ser associada a um relacionamento afetivo-amoroso. Este último, por outro lado, é extremamente desencorajado, e as letras de funk costumam citar a esperteza dos homens que decidem não se relacionar amorosamente, às vezes até enganando as mulheres, como é possível ver no trecho “Ela acha que nós dois namora”. O k-pop, por sua vez, não apresenta uma separação entre o relacionamento sexual e o afetivo, e suas músicas dão grande destaque ao aspecto romântico das relações. No entanto, o k-pop também está associado ao afastamento dos relacionamentos amorosos. Conforme já mencionado, os integrantes das *girls bands* e das *boys bands* são desencorajados de se relacionarem amorosamente. Cabe destacar mais uma vez que esse discurso é muito próximo ao apresentado por diversas meninas que participaram da pesquisa de campo. Para elas, o envolvimento em relacionamentos amorosos traria prejuízos e riscos à trajetória escolar das mesmas, e nesses casos, deveriam ser evitados e adiados.

Outro fator que merece destaque é o fato de que ambos os estilos musicais se relacionam a uma expectativa de ascensão social. O funk, atualmente, se popularizou em todas as regiões do Brasil e também fora dele, e com isso começou a trazer muita riqueza econômica para seus artistas. Assim, atualmente a carreira musical no funk desponta como uma das principais possibilidades de ascensão social para moradores de favelas e comunidades periféricas, especialmente os homens. As pesquisas de k-pop indicaram que seus fãs também trazem em seus discursos uma identificação a partir de uma esperança de um futuro melhor. Então, se ambos os grupos de alguma forma se relacionam à expectativa de um futuro melhor, por que um é bem aceito e o outro não? Enquanto o funk reflete o cenário da classe popular, o k-pop reflete os valores da classe média. Este último possui associação com algo que não é só lícito, mas bem visto e incentivado: o comprometimento com os estudos; o funk, por outro lado, é associado ao tráfico de drogas e à violência das periferias.

6. Juventude e a formação de pares

De acordo com Abramo (1994), existem algumas características e processos importantes acerca da construção sociológica da categoria da juventude. As sociedades industriais modernas se organizaram de forma que a passagem da infância para a fase adulta fosse intermediada por uma outra fase, que insere os indivíduos em outro grupo de socialização para além da família. A instituição escolar é um dos principais locais que propiciam essa socialização fora do eixo familiar, possuindo a função de transmitir não só os

conhecimentos escolares mas, também, os valores embutidos na sociedade considerados importantes para o desempenho da vida futura dos indivíduos. Através da socialização na instituição escolar, os indivíduos passam a formar grupos espontâneos de pares, formando laços através da identificação com um determinado grupo. Dayrell (1996, 2002) também discute a relevância da socialização no ambiente escolar para compreender a complexidade da trama social que a constitui como instituição. O autor destaca a dupla dimensão na qual se ordena o espaço social da escola: por um lado, há as normas e regras escolares, por outro, há o conjunto de relações sociais entre os sujeitos, que resultam não só em alianças e conflitos, mas também em transgressão de regras e o estabelecimento de acordos.

Apesar da importância da escola para a formação de grupos de amizades dentre os adolescentes, a socialização entre grupos de jovens não se restringe ao espaço escolar. Conforme se aproximam da fase adulta, e a depender de cada família, os jovens passam a formar laços de amizades em diferentes contextos. Segundo Dayrell (2022), a música se tornou parte importante da socialização dos jovens, ressaltando que a relação entre música e juventude também é uma construção histórica, iniciada principalmente com o jazz, nos anos 1950, e adquirindo maior visibilidade a partir da década de 1970, tanto pela expansão quanto pela diversificação de estilos. Partindo da análise dos gostos musicais para pensar a formação de grupos e os sentidos que a identificação com certos estilos musicais desempenha na vida social e no processo de desenvolvimento dos jovens, Dayrell (2002) analisa o rap e o funk e a importância dos grupos musicais nos processos de socialização de jovens na periferia de Belo Horizonte. Em sua análise, o autor identifica que os jovens rappers e funkeiros se encontram à margem da sociedade, possuindo poucos espaços para construir referências e valores por meio dos quais possam se desenvolver. Dentre esses espaços, o autor menciona que a escola se mostra distante desses jovens, “não conseguindo entender nem responder às demandas que lhes são colocadas” (Dayrell, 2002, p. 133).

Desse modo, a escola aparece como uma instituição onde os jovens e as jovens começam a estreitar seus laços sociais e experimentar a socialização fora do alcance das famílias, mas muitas vezes essa relação pode ser conflitante. Abramo (1994) afirma que frequentemente surgem conflitos com a família e com a escola em razão do contraste entre as orientações e as referências distintas entre as instituições encarregadas da socialização dos jovens e as novas atitudes e identidades adotadas por eles junto a seus grupos de pares, o que segundo a autora estrutura grande parte da percepção e da discussão sobre a condição juvenil, atribuindo a algumas manifestações dos adolescentes um *status* de rebeldia e revolta. E então, a partir das relações estabelecidas com seus pares os jovens vão desenvolvendo suas próprias

dinâmicas, valores e identidades. Isso, entretanto, não significa que a interação estabelecida não reflita os valores e as referências de cada família. Pelo contrário, como já discutido anteriormente, a preferência por certos gostos e práticas culturais evidencia as origens de classe, as noções de gênero e as ideias de mundo de cada grupo social, fazendo com que a formação de um grupo de pares aconteça por um compartilhamento de características comuns que não são nem “naturais” nem aleatórias, mas sim um reflexo da socialização familiar e das expectativas que os jovens e suas famílias têm em relação ao seu futuro (Bourdieu, 2011; Campos, 2007; Abramo, 1994; Dayrell, 2002). E, no caso desta pesquisa, os grupos de amizade formados na escola mostraram compartilhar uma série de afinidades relacionadas às características que cada gosto ou estilo musical parece englobar indiretamente.

7. Referências

ABRAMO, H.W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. 1ª ed. São Paulo: Página Aberta: Scritta, 1994.

ARANA, DJ. **ABCDÁRIO DA GUERRA (CLÍPE OFICIAL)**. Youtube, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9tmBQXwO7n8>. Acesso em: 05 jul. 2024.

BOURDIEU, P. **A distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo : Olho d'água, 2003.

BOURDIEU, P. **O Senso Prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CAMPOS, L. M. **A música e os músicos como problema sociológico**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 78, p. 71–94, 2007.

DAYRELL, J. A Escola como Espaço Sócio-Cultural. In: DAYRELL, J. (org.): **Múltiplos Olhares: Sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, J. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, v. 28, n. 1, p. 117–136, 2002.

ENTERTAINMENT, JYP. **TWICE "I CAN'T STOP ME" M/V**. Youtube, 26 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CM4CkVFmTds>. Acesso em: 05 jul. 2024.

JANOTTI JR., J.; SÁ, S. P. De. **Revisitando a noção de gênero musical em tempos de cultura musical digital**. Galáxia (São Paulo), n. 41, p. 128–139, 2019.

JUNG, S.; SHIM, D. **Social distribution: K-pop fan practices in Indonesia and the “Gangnam Style” phenomenon**. International Journal of Cultural Studies, v. 17, n. 5, p. 485–501, 2014.

KO, N. C., NO, S., KIM, J-N., SIMÕES, R. G. **Landing of the Wave: Hallyu in Peru and Brazil.** *Development and Society*, v. 43, n. 2, p. 297–350, 2014.

MÁRIO, S. **Choro: gênero ou estilo?.** XXVI Congresso da Anppom, Belo Horizonte, 2016.

REGATIERI, R. P. **Development and Dream: On the Dynamics of K-Pop in Brazil.** *Development and Society*, v. 46, n. 3, p. 505-522, 2017.

SANTOS, T., H. **Idols em imagens e sons, Fãs em re-ação:** Uma etnografia da prática musical do K-pop em São Paulo. Dissertação (Mestrado). 147p. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CIDADANIA, ASSISTÊNCIA E INCLUSÃO SOCIAL.
Relatório de Informações Sociais do Município de Campinas. Campinas: 2015.

de SOUZA, W. F. **Distinções de gênero e estilo nas práticas de choro.** *Anais do SIMPOM*, v. 4, n. 4, 2016.

SNEED, P. **Bandidos de Cristo:** Representations of the Power of Criminal Factions in Rio's Proibidão Funk. *Latin American Music Review*, v. 28, n. 2, p. 220–241, 2007.

SOARES, T.; SILVA, L. S. F. DA. **Coreografias de gênero em covers de K-pop.** *Intexto*, v. 0, n. 53, p. 1–17, 2022.

TOREN, C. **Sunday Lunch in Fiji:** Continuity and Transformation in Ideas of the Household. *American Anthropologist*, v. 109, n. 2, p. 285–295, 2007.

TROTTA, F. da C. **O funk no Brasil contemporâneo:** Uma música que incomoda. *Latin American Research Review*, v. 51, n. 4, p. 86–101, 2016.